

## ALUNOS COM NEE NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: IDENTIFICAÇÃO E MODELOS DE ATUAÇÃO

Cirilo Sousa, Isabel Correia, Sónia Silva, Tiago Ventura, Beatriz Pereira  
e Graça S. Carvalho

CIEC, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal

### RESUMO

A inserção dos alunos com necessidades educativas especiais (NEE) nas escolas regulares é tema de muita discussão e estudo, pois é um assunto bastante controverso e sensível. As escolas devem ser inclusivas, adotando uma pedagogia centrada na criança e indo de encontro às suas necessidades, respeitando assim as suas diferenças sem discriminação. Muitas destas escolas não se encontram preparadas, especialmente pela falta de formação nesta área dos profissionais (docentes, auxiliares, etc.), ou pelo desinteresse, falta de receptividade e sensibilidade dos mesmos. A maioria destas crianças encontra-se em unidades de ensino estruturado, frequentando apenas as aulas de caráter mais prático (Educação Física, E.V.T, etc.) inseridas na sua turma.

Com este projeto pretende-se estudar a forma como estas crianças se inserem nas aulas de Educação Física e se relacionam com os seus pares, professores e auxiliares. É importante verificar se a Educação Física contribui para uma inclusão, de forma a proporcionar a estas crianças um ambiente propício de aprendizagens. Pretende-se verificar se estes alunos estão motivados nas aulas desta disciplina e quais são as dificuldades que os profissionais encontram para a sua integração.

Para o efeito serão realizadas entrevistas a alunos com e sem NEE, de ambos os sexos, do 2º e 3º ciclo do Ensino Básico e professores de Educação Física e do Ensino Especial de uma escola de Braga. Além deste estudo de caso, serão enviados questionários a professores de Educação Física e Ensino Especial de algumas escolas de diferentes regiões do país, de modo a se obter uma amostra numerosa e verificar se existem diferenças entre as várias regiões do país sobre este tema.

**Palavras-chave:** Educação Física, Necessidades Educativas Especiais, Inclusão.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 - NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Ao longo dos tempos, as sociedades assumiram atitudes muito diversas em relação às pessoas portadoras de deficiências. Eram encarados como algo da presença dos deuses ou do demónio, *“algo da esfera supra-humano ou do âmbito infra-humano”* (Amaral, 1994, p.14).

Segundo Goffmann (1975), os gregos criaram o termo estigma, referindo-se aos sinais corporais que evidenciava algo de anormal ou estranho em relação ao “status” normal. Os portadores destes sinais eram marcados com cortes ou fogo no corpo e rotulados como criminosos, traidores ou escravos. Estas pessoas deveriam ser evitadas e proibidas de frequentar lugares públicos, pois eram consideradas poluídas.

Na idade Média muitos enfermos mentais foram condenados e queimados com se fossem bruxos ou “possessos”. Outros porém, eram internados para tratamento em asilos ou hospitais sem quaisquer condições de habitabilidade (Telford, 1984).

No século XIX e meados do século XX, os países anglo-saxões utilizavam a esterilização para impedir a reprodução de indivíduos que não pudessem trabalhar. No regime Nazi, Hitler para evitar a contaminação da “raça pura” mandou que fossem exterminados os indivíduos que fossem portadores de deficiências (Campos & Martins, 2008).

O conceito de Necessidades Educativas Especiais (NEE) surge pela primeira vez em 1978, através de um relatório Warnock Report (1978, citado em Sanches,1996, p.11), *“fruto de um vasto estudo de investigação e que revolucionou as grandes perspetivas de intervenção no campo educativo/pedagógico junto das crianças ou jovens com problemas”*. Na definição proposta no Relatório Warnock (1978, citado em Sanches,1996), as NEE incluem condições que implicam por parte da escola:

- A disponibilidade de meios especiais de acesso ao curriculum;
- A elaboração de currículos especiais ou adaptados;

A análise crítica sobre a estrutura social e o clima emocional nos quais se processa a educação.

Segundo Correia (1997) as crianças com NEE são aquelas que necessitam de apoio de serviços de educação especial, durante o seu percurso escolar ou parte dele, de modo a facilitar o seu desenvolvimento pessoal, socio emocional e académico. Para Madureira e Leite (2003), o conceito em análise acentua as dificuldades na aprendizagem que qualquer aluno pode apresentar durante o seu percurso escolar. Assim, compete à escola dar resposta as necessidades educativas especiais tendo em atenção as diferenças individuais dos alunos que a frequentam.

Em 2008, o Ministério da Educação português (ME, 2008) redefine o conceito de NEE através do decreto-lei nº 3 de 7 de Janeiro ao definir:

*“os apoios especializados a prestar(...), visando a criação de condições para a adequação do processo educativo as necessidades educativas especiais dos alunos”.*

*Neste decreto-lei, consideram-se alunos com necessidades educativas especiais os alunos que apresentam “limitações significativas ao nível da atividade e da participação, num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultante em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social”.*

Segundo este decreto-lei, todas as crianças com algum tipo de deficiência, devem estar incluídas numa turma regular, devendo ser elaborado um Plano de Educação Individual (PEI), onde descreve o nível de desempenho escolar da criança e define objetivos para o desenvolvimento futuro. Este plano é desenvolvido por uma comissão composta pelo professor regular, os pais da criança, o professor do ensino especial e outros membros que possam ser úteis (psicólogos, terapeutas da fala, médicos).

## 1.2-EDUCAÇÃO FÍSICA

Segundo Casperson, Powell e Christenso (1985) a atividade física é qualquer movimento corporal produzido pela musculatura esquelética que resulta em dispêndio energético, tendo componentes determinantes de ordem biopsicossocial, cultural e comportamental, podendo ser exemplificado por jogos, luta, danças, exercícios físicos e deslocamentos.

É já de senso comum afirmar que a prática de atividade física tem bastantes benefícios quer para a saúde quer até para a mente de qualquer pessoa.

Um dos dramas sociais mais graves nos dias de hoje é o da saúde pública. Atualmente a tendência é para a adoção de estilos de vida cada vez menos ativos. , Wang, Pereira e Mota (2006) através de um estudo de caso relacionado com a prática de atividade física e a condição física em crianças em idade escolar, concluíram que a maioria das crianças não atinge os valores mínimos aceitáveis. A prática regular de atividade física aliada a uma boa dieta alimentar, contribuem, em larga medida, para uma melhoria significativa da qualidade de vida de todos os indivíduos, prevenindo-se o aparecimento de várias doenças tais como: a hipertensão, diabetes, obesidade, doenças cardiovasculares, reumatismo, entre outras (Vieira & Carvalho, 2011). Como tal, os Indivíduos portadores de deficiências não fogem à regra e, para além de beneficiarem em termos da prevenção deste tipo de enfermidades, podem também desenvolver uma melhor autoestima e por conseguinte mais estabilidade emocional. Segundo Potter (1987), os atrasos motores, tais como, equilíbrio, força e destrezas podem ser atenuados pelo desenvolvimento de várias aptidões, faculdades e sentidos que a prática de atividade física proporciona.

No contexto escolar a disciplina de Educação física “é a ocasião da aprendizagem e da socialização, de conhecimento e de sensibilização ao mundo dos objetos e dos seres vivos” (Robert & Hage, 1995, p.6).

Gomes (2012) diz que a disciplina de Educação física é importante para promover não só o desenvolvimento do corpo como também a consciencialização, seja um aluno portador, ou não, de qualquer tipo de

deficiência. O professor desta disciplina deve identificar as capacidades dos alunos portadores de deficiências, selecionar estratégias e materiais didáticos e pedagógicos adaptados às necessidades do aluno e ainda selecionar estratégias de avaliação. No entanto, atualmente os profissionais de educação física no seu dia-a-dia deparam-se com uma realidade que inibe a eficácia deste processo, tal como nos mostra Ferreira (2000) num estudo acerca da integração dos alunos com necessidades educativas especiais (NEE), nas aulas de educação física onde foram inquiridos 58 professores desta disciplina que lecionavam em 19 escolas E.B 2/3 da área educativa entre Douro e Vouga. Numa pergunta sobre a existência de materiais específicos para trabalhar com alunos com NEE nas aulas de educação física, 47 professores (81%) afirmaram que nas suas escolas não existe material suficiente para trabalhar com os alunos com NEE, 8 professores (14%) responderam ter materiais e 3 professores (5%) não responderam a esta questão. Estes resultados levam-nos a concluir que as escolas, na sua maioria, ainda não estão dotadas de materiais que possam oferecer boas condições de aprendizagem a estas crianças, proporcionando também aos professores de educação física melhores condições de ensino.

Um outro problema que os profissionais de educação física encaram é que, de uma forma geral, não possuem formação especializada em NEE, limitando-os relativamente à eficácia da sua intervenção com todos os alunos. Lima, Santos e Silva (2007/2008) num estudo que trata sobre a inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular e o profissional de educação física, realizado na cidade de Catalão, no Brasil, constataram que os 9 professores entrevistados não tinham formação na área do ensino especial. Desses nove professores, apenas três responderam ter pós-graduação em áreas como administração escolar, técnicas de ensino, não estando relacionadas com educação física e educação especial. Oito dos participantes afirmaram que durante o processo de formação inicial tiveram disciplinas relacionadas com a educação física Adaptada ou a inclusão. A maior parte dos docentes tinha alunos com deficiências que participavam nas suas aulas, para além disso conheciam o tipo de deficiência de cada aluno. Ainda no mesmo estudo (Lima, Santos e

Silva, 2007/2008), apenas cinco professores afirmaram que realizavam mudanças nas suas aulas com vista às necessidades das crianças com NEE. Por sua vez, quatro professores afirmaram ter dificuldades, indicando como principais aspetos: falta de conhecimento da deficiência; limitações físicas e psicológicas do aluno e a estrutura física da escola.

Estes resultados vêm confirmar que, de facto, na cidade referida há uma lacuna no que diz respeito à formação de professores de educação física na área do ensino especial, na formação contínua. É pois, urgente um investimento na formação e qualificação profissional do professor de educação física no ensino especial, para dar respostas mais eficazes e eficientes face às necessidades aos direitos e à inclusão de todas as crianças em particular as que têm NEE.

A integração de todos os alunos nas aulas de educação física é possível, tendo a disciplina de educação física “um papel preponderante a desempenhar na medida em que, contrariamente às outras disciplinas, pode dotar os alunos de competências concretas e imediatamente aplicáveis na relação de vida diária destes” (Ferreira, 2000, p.62).

Através de alguns exercícios de psicomotricidade realizados nas aulas de educação física de uma turma regular com alunos de NEE, Rodrigues e colaboradores (1992) verificaram que os alunos com NEE sentiam um orgulho enorme em realizar os exercícios com os seus pares.

Este mesmo autor organizou uma série de jogos que visava a integração destes alunos com sucesso. Porém, como em certos jogos estes alunos estavam em desvantagem (ex. basquetebol, voleibol, etc.), os professores utilizaram as crianças que melhor se relacionavam com eles, a fim de lhes ensinar as destrezas da modalidade. Esta medida proporcionou um melhor desempenho nas crianças com NEE, mostrando estas uma maior segurança e interesse em participar nas atividades.

### 1.3 – OBJETIVOS DO ESTUDO

Com o presente projeto pretende-se, de um modo geral, verificar a importância da disciplina de Educação Física em crianças com NEE. Os objetivos são os seguintes:

- Identificar as dificuldades que os profissionais encontram no trabalho com estas crianças;
- Que tipo de pedagogias e metodologias diferenciadas deve ter o professor na inclusão;
- Compreender as limitações e dificuldades das crianças com NEE nas aulas de Educação Física;
- Identificar os seus interesses e motivações pela disciplina;
- Analisar de que forma socializam e aprendem com os pares;
- Qual são as reações dos outros alunos nas aulas de Educação Física com a inclusão destes miúdos;
- Que tipos de apoio adicional necessitam estas crianças;
- Quais seriam as vantagens da inclusão destas crianças nestas aulas, com ajuda de um professor de apoio.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1 - AMOSTRA

Neste estudo trabalharemos em duas amostras, uma de crianças e outra de adultos. A amostra em crianças consiste em alunos com e sem NEE, do 2º e 3º ciclo do ensino básico de uma escola do distrito de Braga. O grupo será composto por crianças com diferentes tipos de deficiências, independentemente das medidas que estão consagradas nos seus programas educativos individuais.

A amostra de adultos contará com a participação dos profissionais que trabalham com estas crianças nas aulas de Educação física, ou seja, professores da disciplina e de Ensino Especial abrangendo profissionais de várias escolas do país.

## 2.2 - INSTRUMENTOS

Para este estudo optamos pela investigação de carácter qualitativo (entrevistas) dirigido às crianças e professores da escola a estudar e quantitativos (questionários) dirigidos aos professores de Educação Física de escolas de todo o país.

A investigação qualitativa é uma *“pesquisa que produz descobertas não obtidas por procedimentos estatísticos ou outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções, sentimentos, assim como funcionamento organizacional, fenômenos culturais e interações entre as nações* (Strauss e Corbin, 1998, p.10). Este tipo de investigação não requer métodos estatísticos, tendo como fonte para a coleta de dados o ambiente natural e o pesquisador como instrumentos chave (Silva & Menezes, 2005).

Já a investigação quantitativa consiste basicamente *“em encontrar relações entre variáveis, fazer descrições recorrendo ao tratamento estatístico de dados recolhidos, testar teorias”* (Carmo & Ferreira, 1998, p.178). O tratamento estatístico será levado a efeito utilizando o programa estatístico disponível no “Statistical Package for the Social Sciences” (SPSS).

## 2.3 - PROCEDIMENTO

As entrevistas serão do tipo semiestruturado para possibilitar liberdade ao interlocutor (crianças e professores), expressando-se aberta e informalmente, sem se afastar dos objetivos da entrevista. A entrevista é a *“técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação”* (Gil, 1999, p.117). Este autor acrescenta ainda que esta técnica é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca recolha de dados e a outra constitui fonte de informação. Para Stake (2007) a entrevista é a técnica que retrata as variadas perspetivas sobre um caso, obtendo descrições e interpretações diferentes sobre uma dada situação, acontecimento ou circunstância. Segundo

Mattos (2005), as entrevistas semiestruturadas têm relativa flexibilidade, pois as questões não necessitam seguir a ordem prevista inicialmente, podendo ser formuladas novas questões no decurso da entrevista.

Os questionários serão aplicados aos professores, de forma a conseguir recolher o maior número de dados possíveis. Esta técnica é dirigida por escrito a pessoas, com o objetivo de ter conhecimento sobre opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, entre outros (Gil, 1999). Os questionários podem ser constituídos por perguntas abertas onde o interrogado responde pelas próprias palavras, sendo mais difíceis de analisar e tabelar (Lakatos e Marconi, 1985). Podem ainda ser constituídos apenas por perguntas fechadas, sendo melhor de tabelar, ou reunir perguntas abertas e fechadas (Oliveira, 2005). Para o estudo em causa será melhor um questionário com perguntas fechadas, mas contendo algumas abertas para aquisição de nova informação.

### **3. LIMITAÇÕES E IMPLICAÇÕES**

Este estudo tem como objetivo principal verificar de que forma os alunos com NEE se inserem nas aulas da disciplina de Educação Física, analisando as suas vantagens, desvantagens e implicações. As limitações que poderão aparecer neste estudo é o reduzido número de crianças com NEE, assim como a capacidade de algumas destas crianças conseguirem transmitir informações credíveis e com alguma veracidade. Estamos com algumas expectativas ainda, em relação à participação dos professores da disciplina de educação física, pois achamos que a sua maioria não terá grande formação na área da educação especial, podendo estar reticentes e até não saber responder a certas questões.

A inclusão é um tema bastante complexo e controverso, pois a opinião dos docentes sobre o assunto está bastante dividida. Esperamos com os resultados deste estudo dar um contributo importante no sentido de melhorar o processo ensino/aprendizagem das crianças com NEE. Pretendemos dar a conhecer a realidade das escolas em relação à inclusão destes alunos, nomeadamente nas aulas de educação física, verificando as limitações e

dificuldades que os docentes e os alunos encontram, de forma que no futuro possam ser corrigidas ou melhoradas.

Um aspeto fundamental a referir é a importância que se deveria dar na formação de professores e na sua capacidade de inovação e de criatividade. Esperamos que o papel do professor saia reforçado e aberto a novas experiências, deixando de se limitar a cumprir o programa para ter um papel mais de iniciativa e de mais responsabilidade que irá valorizar ainda mais a profissão docente.

Para que este tema da inclusão seja visto com outros olhos é importante que se garanta a estes alunos uma formação eficaz e que a instituição, os professores e os restantes alunos estejam de mãos dadas no processo de ensino inclusivo.

## REFERÊNCIAS

- Amaral, L. A. (1994). *Pensar a Diferença/ Deficiência*. Brasília: Corde.
- Campos, S.; Martins, R. (2008). Educação Especial: Aspectos históricos e evolução conceptual. *Millenium – Revista do ISP*, 34, 223-231.
- Carmo, H.; Ferreira, M. F. (1998). *Metodologia da investigação – guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Caspersen, C. J.; Powell, K. E.; Christenson, G. M. (1985). Physical activity, exercise and physical fitness. *Public Health Reports*, 100 (2), 126-131.
- Correia, L. M. (1997). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares*. Porto: Porto Editora.
- ME – Ministério da Educação (2008). Decreto-Lei 03/2008. *Define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básicos e secundário dos sectores público, particular e cooperativo*. Diário da República – I Série – n.º4 – de 7 de Janeiro de 2008.
- Ferreira, D. J. (2000). *Análise do processo de integração dos alunos com necessidades educativas especiais nas aulas de Educação Física*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Gil, A.C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa Social*. 5ª Edição. São Paulo: Editora Atlas.
- Goffmann, E. (1975). *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Gomes, C. L. (2012). *A opinião dos professores de Educação Física sobre a integração de alunos portadores de Deficiência Mental nas suas aulas. A motivação e a ansiedade na integração dos alunos com Deficiência mental nas atividades desportivas*. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, Portugal.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. (1985). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Ed. Atlas.
- Lima, F. L.; Santos, S. C.; Silva, S. R. (2007/2008). O profissional da Educação Física e a inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular. *Poésis Pedagógica*, 5/6, 125-145.
- Madureira, I. P.; Leite, T. S. (2003). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mattos, P.; Lincoln, C. L. A. (2005). Entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. [\*Rev. adm. publica\*](#), 39(4),823-847.
- Wang, G.; Pereira, B.; Mota, J. (2006). A Actividade Física das crianças e a Condição Física relacionada com a saúde: um estudo de caso em Portugal. In Beatriz Pereira & Graça S. Carvalho (coords), *Educação Física, saúde e lazer. A infância e estilos de vida saudáveis*. Lisboa: IIDEL Edições Técnicas, Lda, 141-149.
- Oliveira, D.P.R. (2005). *Sistemas, organização e métodos: uma abordagem gerencial*. 15ª Edição. São Paulo: Atlas.
- Potter, J. (1987). *“Desporto para deficientes”*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura, Direção Geral dos Desportos.
- Robert, B.; Hage, O. (1995). La gym avec les autres. *Education Physique et Sport*, 73 (1), 6-7.
- Rodrigues, D.; Andrés, M.; Bayón, A. (1992). Experiências sobre integración escolar de niños com síndrome de Down. In Florez, J.; Trancoso, M. (Eds). *Síndrome de Down v educacion*. Barcelona: Ediciones Cientificas y Técnicas, 189 -196.
- Sanches, I.R. (1996). *Necessidades Educativas Especiais e Apoios e Complementos Educativos no Quotidiano do Professor*. Porto: Porto editora.
- Stake, R. E. (2007). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Silva, E.L; Menezes, E.M. (2005). *Metodologias de pesquisas e elaboração de dissertação*. 4ª Edição. Florianópolis: UFSC.
- Strauss, A.; Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park: Sage Publications.

Telford, C. W.; Sawrey, J. M. (1984). *O Indivíduo Excepcional*. Rio de Janeiro: Zahar.

Vieira, M., & Carvalho, G. S. (2011). *Promover a saúde na escola: um modelo educativo para adoção de hábitos saudáveis de alimentação e atividade física*. Paper presented at the VII Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde: A atividade física promotora de saúde e desenvolvimento pessoal e social, Braga.